

**EDGAR ALLAN POE – Evening Star; Alone; Dream-Land; The Raven; Ulalume – A Ballad; Annabel Lee; The Bells; Eldorado; A Dream Within a Dream**

---

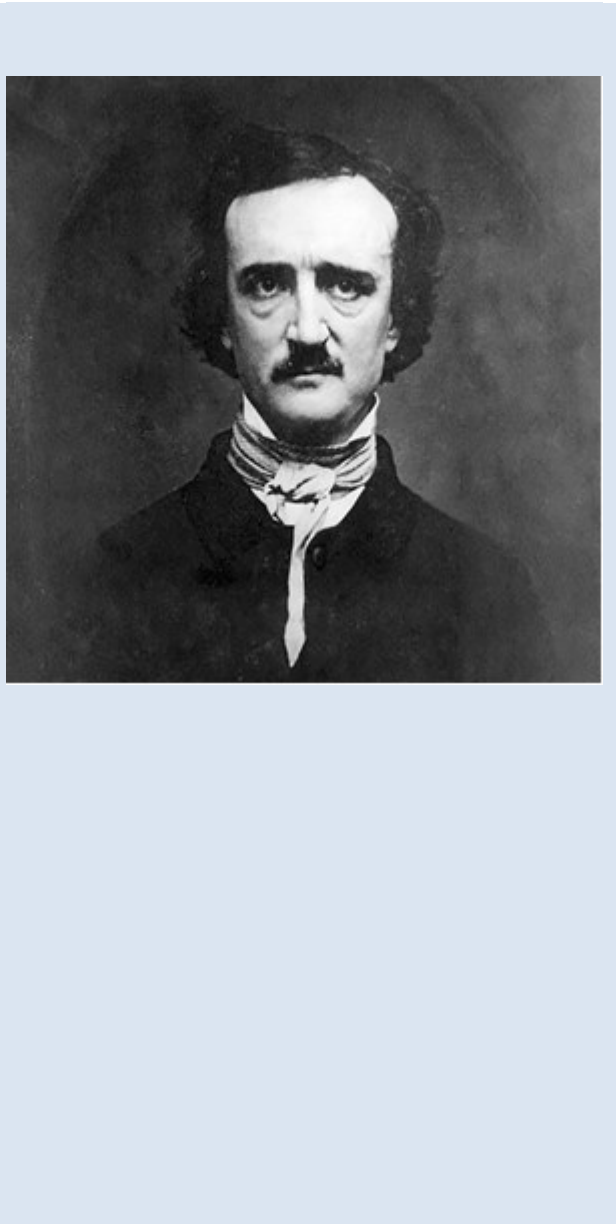
*Bruno Palavro*

Número 01, dezembro de 2018  
URL: [www.revista-acacia.com.br/2018/02/edgar-allan-poe](http://www.revista-acacia.com.br/2018/02/edgar-allan-poe)  
[www.revista-acacia.com.br](http://www.revista-acacia.com.br)



**Como citar esta tradução**

POE, Edgar Allan. Evening Star; Alone; Dream-Land; The Raven; Ulalume – A Ballad; Annabel Lee; The Bells; Eldorado; A Dream Within a Dream. Tradução, prefácio e notas: Bruno Palavro. **Acácia - revista de tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 111-160, 2018. ISSN 2595-3915. Disponível em: <<http://www.revista-acacia.com.br/2018/02/edgar-allan-poe>>.



### Sobre o autor

Edgar Allan Poe foi um escritor norte-americano. Nasceu em Boston, 1809, e morreu em Baltimore, 1849. Dono de uma produção prolífica, publicou ensaios, textos críticos, um romance, poemas e contos, tendo destaque nestas duas últimas modalidades. Situado no movimento romântico, suas obras literárias são conhecidas por seu teor macabro e melancólico (*The Raven*, *The Black Cat* etc.), muito embora o mistério de seus contos também lhe renda um lugar como pioneiro da ficção policial (*The Murders in the Rue Morgue* etc.). Quanto à vida pessoal, foi abandonado ainda criança pelo pai e logo ficou órfão de mãe; a partir de sua juventude, iniciou uma vida ébria que se estendeu às suas dificuldades financeiras como escritor e se agravou após a morte de sua prima e esposa por tuberculose. Em seus últimos dias, Poe foi encontrado delirante pelas ruas de Baltimore. A causa de sua morte é obscura.

### Sobre o texto

São aqui apresentados nove poemas selecionados pelo próprio tradutor, originalmente publicados em jornais ou coletâneas feitas por Poe. Compõem esta antologia: *Evening Star* (1827), *Alone* (1829), *Dream-Land* (1844), *The Raven* (1845), *Ulalume – A Ballad* (1847), *Annabel Lee* (1849), *The Bells* (1849), *Eldorado* (1849), *A Dream Within a Dream* (1849). Além da aura de mistério e melancolia desse romantismo tenebroso que flerta com o fantástico, de temáticas recorrentes como a morte de alguém amado e de exaltações oníricas, esta seleção de poemas se propõe também sob o trabalho engenhoso do poeta no que refere aos ritmos e à sonoridade de seus versos. Os textos originais foram retirados do acervo digital em [eapoe.org](http://eapoe.org), no qual constam diferentes edições dos poemas ligeiramente variadas. Toda a obra de Edgar Allan Poe está em domínio público.

### Sobre o tradutor

Bruno Palavro é graduando da Licenciatura em Letras – Português e Grego pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Com enfoque na poesia grega arcaica e nos estudos de métrica antiga, vem desenvolvendo uma nova tradução em hexâmetro dactílico vernáculo para a *Teogonia* de Hesíodo, como bolsista de Iniciação Científica sob orientação do professor Carlos Leonardo Bonturim Antunes. E-mail: brunopalavro@gmail.com.

## EVENING STAR

'Twas noontide of summer,  
    And mid-time of night;  
And stars, in their orbits,  
    Shone pale, thro' the light  
Of the brighter, cold moon,  
    'Mid planets her slaves,  
Herself in the Heavens,  
    Her beam on the waves.  
    I gaz'd awhile  
    On her cold smile;  
Too cold— too cold for me—  
    There pass'd, as a shroud,  
    A fleecy cloud,  
And I turned away to thee,  
    Proud Evening Star,  
    In thy glory afar,  
And dearer thy beam shall be;  
    For joy to my heart  
    Is the proud part  
Thou bearest in Heav'n at night,  
    And more I admire  
    Thy distant fire,  
Than that colder, lowly light.

## ESTRELA VESPERTINA

Nos merídios do verão,  
meio-tempo pela noite,  
em suas órbitas os astros  
eram pálidos brilhantes  
sob o fulgor da fria lua,  
os planetas, dela escravos,  
ela própria lá nos Céus,  
seu lampejo pelos lagos.  
Encarei num instante  
seu sorriso gelante  
tão frio — tão frio é para mim!  
Como um véu veio ominosa  
uma nuvem velosa  
e me voltei então para ti,  
soberba Estrela Vésper,  
em tua glória lá no éter  
teu lampejo é mais querido enfim;  
pois meu coração se alegra  
no orgulho que carregas  
pelos Céus da noite e irradias.  
Mais agora sou amante  
do teu fogo distante  
que daquela luz humilde e fria.

## ALONE

From childhood's hour I have not been  
As others were—I have not seen  
As others saw—I could not bring  
My passions from a common spring—  
From the same source I have not taken  
My sorrow; I could not awaken  
My heart to joy at the same tone;  
And all I lov'd—I lov'd alone.  
*Then*—in my childhood—in the dawn  
Of a most stormy life—was drawn  
From ev'ry depth of good and ill  
The mystery which binds me still:  
From the torrent, or the fountain,  
From the red cliff of the mountain,  
From the sun that 'round me roll'd  
In its autumn tint of gold—  
From the lightning in the sky  
As it pass'd me flying by—  
From the thunder, and the storm,  
And the cloud that took the form  
(When the rest of Heaven was blue)  
Of a demon in my view.

## SOZINHO

Da infância já não pude ser  
como outros são, não pude ver  
como outros veem, não pude achar  
paixões em fonte regular.  
De mesma origem não tomei  
meu sofrimento, animei  
meu coração em desalinho —  
e o que amei, amei sozinho.  
Veio na infância — na alvorada  
da minha vida aborrascada —  
do abismo sob o mal e o bem,  
o mistério que me detém —  
da torrente ou da fonte,  
do penhasco rubro ao monte,  
desse sol em mim rodeado  
no outonal matiz dourado,  
do relâmpago no céu  
rente a mim quando irrompeu,  
da tormenta e do trovão,  
e da nuvem à feição  
(no restante Céu azul)  
de um demônio ao olho nu.

## DREAM-LAND

By a route obscure and lonely,  
Haunted by ill angels only,  
Where an Eidolon, named NIGHT,  
On a black throne reigns upright,  
I have reached these lands but newly  
From an ultimate dim Thule—  
From a wild weird clime that lieth, sublime,  
    Out of SPACE—Out of TIME.

Bottomless vales and boundless floods,  
And chasms, and caves, and Titan woods,  
With forms that no man can discover  
For the tears that drip all over;  
Mountains toppling evermore  
Into seas without a shore;  
Seas that restlessly aspire,  
Surging, unto skies of fire;  
Lakes that endlessly outspread  
Their lone waters—lone and dead,—  
Their still waters—still and chilly  
With the snows of the lolling lily.

By the lakes that thus outspread  
Their lone waters, lone and dead,—  
Their sad waters, sad and chilly  
With the snows of the lolling lily,—  
By the mountains—near the river

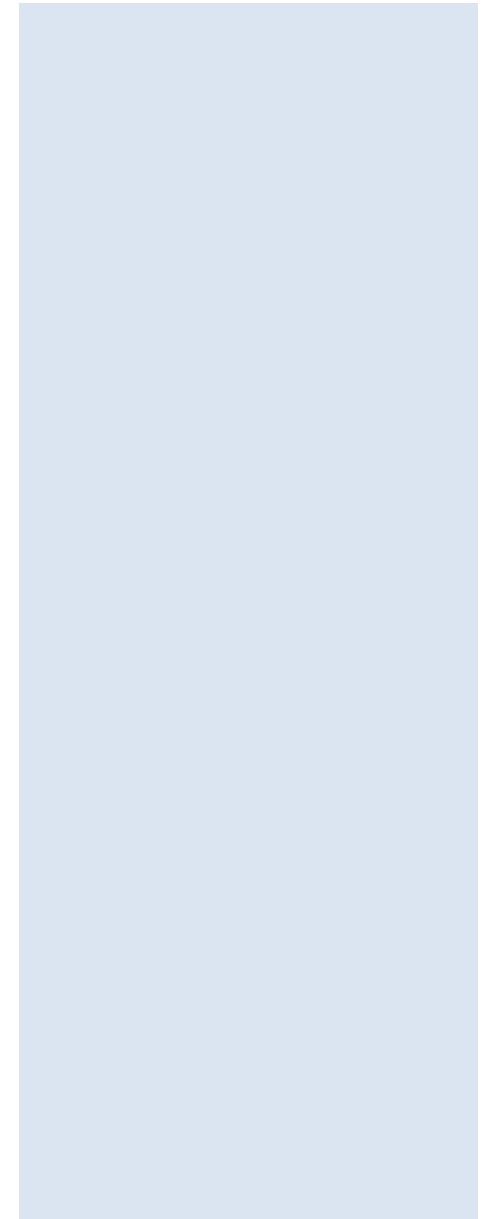


Murmuring lowly, murmuring ever,—  
By the grey woods,—by the swamp  
Where the toad and the newt encamp,—  
By the dismal tarns and pools  
Where dwell the Ghouls,—  
By each spot the most unholy—  
In each nook most melancholy,—  
There the traveller meets, aghast,  
Sheeted Memories of the Past—  
Shrouded forms that start and sigh  
As they pass the wanderer by—  
White-robed forms of friends long given,  
In agony, to the Earth—and Heaven.

For the heart whose woes are legion  
‘Tis a peaceful, soothing region—  
For the spirit that walks in shadow  
‘Tis—oh, ‘t is an Eldorado!  
But the traveller, travelling through it,  
May not—dare not openly view it;  
Never its mysteries are exposed  
To the weak human eye unclosed;  
So wills its King, who hath forbid  
The uplifting of the fringed lid;  
And thus the sad Soul that here passes  
Beholds it but through darkened glasses.

By a route obscure and lonely,  
Haunted by ill angels only,  
Where an Eidolon, named NIGHT,  
On a black throne reigns upright,

I have wandered home but newly  
From this ultimate dim Thule.



## TERRASONHO

Pela rota obscura e erma  
de anjos doentes, que consterna,  
onde NOITE, um Espectro,  
reina em trono preto, ereto,  
chego a esta terra plena  
desde a Thule turva e extrema —  
clima que sublima estranhamento,  
sem ESPAÇO e sem TEMPO.

Vales sem fundo, enchentes vãs,  
abismos, bosques de Titãs,  
dos quais a forma ao homem falta:  
lágrimas por toda volta.  
Montes tombam sempre mais  
contra um mar sem costa ou cais;  
mar que aspira sem resfolgo  
irrompendo a céus de fogo;  
lago eterno que transporta  
ermas águas — ermas, mortas —,  
água quieta — quieta em neve,  
fria ao lado do lírio leve.

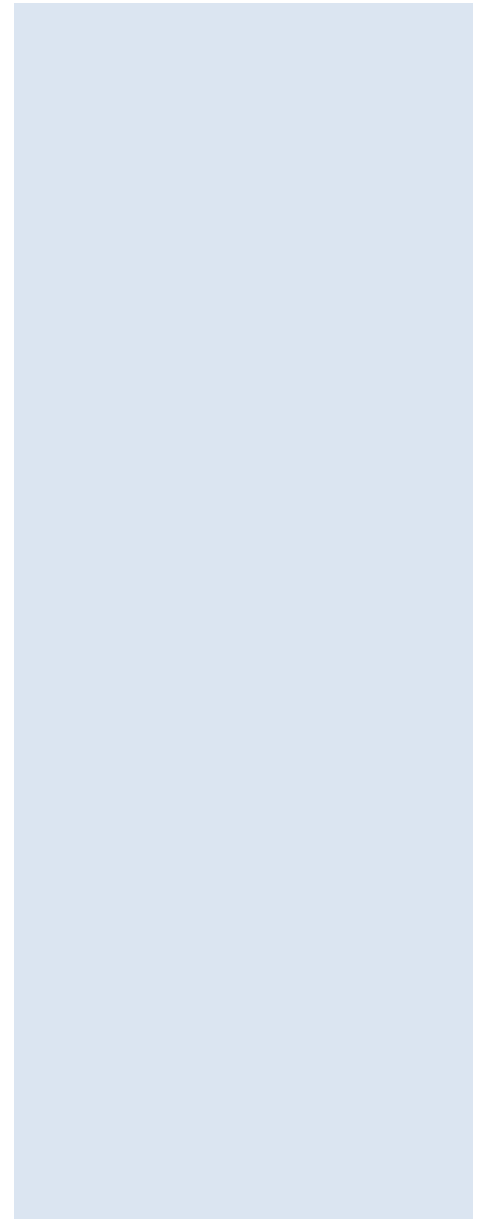
Junto ao lago que transporta  
ermas águas — ermas, mortas —,  
água triste — triste em neve,  
fria ao lado do lírio leve;  
junto aos montes — rente ao rio

sempre em murmúrio servil;  
selvas cinzas — aluviões,  
lar dos sapos e dos tritões;  
poços e lagoas sem luz  
no lar dos ghuls;  
junto a cada ponto impuro,  
cada canto mais obscuro,  
lá o viajante vê assombrado  
vãs Memórias do Passado —  
formas de alvo véu vibrantes,  
que uivam e vêm vindo avante —  
amigos que o tempo deu,  
em agonia, à Terra e ao Céu.

Para o peito em dor legião  
é pacífica região —  
para o espírito sombreado  
sim — ah, sim, é um Eldorado!  
Mas quem viaja e cruza as valas  
nem mesmo ousa observá-las;  
nunca os mistérios são despertos  
ao fraco olhar humano aberto;  
tal quis seu Rei ao proibir  
a pálpebra de erguer-se ali;  
e assim, a triste Alma que passa  
contempla só por lentes baças.

Pela rota obscura e erma  
de anjos doentes, que consterna,  
onde NOITE, um Espectro,  
reina em trono preto, ereto,

chego à minha casa plena  
dessa Thule turva e extrema.



## THE RAVEN

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,  
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore—  
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,  
As of some one gently rapping, rapping at my chamber door.  
“‘Tis some visitor,” I muttered, “tapping at my chamber door—  
Only this and nothing more.”

Ah, distinctly I remember it was in the bleak December;  
And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor.  
Eagerly I wished the morrow;—vainly I had sought to borrow  
From my books surcease of sorrow—sorrow for the lost Lenore—  
For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore—  
Nameless here for evermore.

And the silken, sad, uncertain rustling of each purple curtain  
Thrilled me—filled me with fantastic terrors never felt before;  
So that now, to still the beating of my heart, I stood repeating  
“‘Tis some visitor entreating entrance at my chamber door—  
Some late visitor entreating entrance at my chamber door;—  
This it is and nothing more.”

Presently my soul grew stronger; hesitating then no longer,  
“Sir,” said I, “or Madam, truly your forgiveness I implore;  
But the fact is I was napping, and so gently you came rapping,  
And so faintly you came tapping, tapping at my chamber door,  
That I scarce was sure I heard you”—here I opened wide the door;—  
Darkness there and nothing more.

Deep into that darkness peering, long I stood there wondering, fearing,  
Doubting, dreaming dreams no mortal ever dared to dream before;  
But the silence was unbroken, and the stillness gave no token,  
And the only word there spoken was the whispered word, "Lenore?"  
This I whispered, and an echo murmured back the word, "Lenore!"—  
Merely this and nothing more.

Back into the chamber turning, all my soul within me burning,  
Soon again I heard a tapping somewhat louder than before.  
"Surely," said I, "surely that is something at my window lattice;  
Let me see, then, what thereat is, and this mystery explore—  
Let my heart be still a moment and this mystery explore;—  
'Tis the wind and nothing more!"

Open here I flung the shutter, when, with many a flirt and flutter,  
In there stepped a stately Raven of the saintly days of yore;  
Not the least obeisance made he; not a minute stopped or stayed he;  
But, with mien of lord or lady, perched above my chamber door—  
Perched upon a bust of Pallas just above my chamber door—  
Perched, and sat, and nothing more.

Then this ebony bird beguiling my sad fancy into smiling,  
By the grave and stern decorum of the countenance it wore,  
"Though thy crest be shorn and shaven, thou," I said, "art sure no craven,  
Ghastly grim and ancient Raven wandering from the Nightly shore—  
Tell me what thy lordly name is on the Night's Plutonian shore!"  
Quoth the Raven "Nevermore."

Much I marvelled this ungainly fowl to hear discourse so plainly,  
Though its answer little meaning—little relevancy bore;

For we cannot help agreeing that no living human being  
Ever yet was blessed with seeing bird above his chamber door—  
Bird or beast upon the sculptured bust above his chamber door,  
With such name as “Nevermore.”

But the Raven, sitting lonely on the placid bust, spoke only  
That one word, as if his soul in that one word he did outpour.  
Nothing farther then he uttered—not a feather then he fluttered—  
Till I scarcely more than muttered “Other friends have flown before—  
On the morrow he will leave me, as my Hopes have flown before.”  
Then the bird said “Nevermore.”

Startled at the stillness broken by reply so aptly spoken,  
“Doubtless,” said I, “what it utters is its only stock and store  
Caught from some unhappy master whom unmerciful Disaster  
Followed fast and followed faster till his songs one burden bore—  
Till the dirges of his Hope that melancholy burden bore  
Of ‘Never—nevermore.’”

But the Raven still beguiling all my fancy into smiling,  
Straight I wheeled a cushioned seat in front of bird, and bust and door;  
Then, upon the velvet sinking, I betook myself to linking  
Fancy unto fancy, thinking what this ominous bird of yore—  
What this grim, ungainly, ghastly, gaunt, and ominous bird of yore  
Meant in croaking “Nevermore.”

This I sat engaged in guessing, but no syllable expressing  
To the fowl whose fiery eyes now burned into my bosom’s core;  
This and more I sat divining, with my head at ease reclining  
On the cushion’s velvet lining that the lamp-light gloated o’er,  
But whose velvet-violet lining with the lamp-light gloating o’er,



She shall press, ah, nevermore!

Then, methought, the air grew denser, perfumed from an unseen censer  
Swung by Seraphim whose foot-falls tinkled on the tufted floor.  
“Wretch,” I cried, “thy God hath lent thee—by these angels he hath sent thee  
Respite—respite and nepenthe from thy memories of Lenore;  
Quaff, oh quaff this kind nepenthe and forget this lost Lenore!”  
Quoth the Raven “Nevermore.”

“Prophet!” said I, “thing of evil!—prophet still, if bird or devil!—  
Whether Tempter sent, or whether tempest tossed thee here ashore,  
Desolate yet all undaunted, on this desert land enchanted—  
On this home by Horror haunted—tell me truly, I implore—  
Is there—is there balm in Gilead?—tell me—tell me, I implore!”  
Quoth the Raven “Nevermore.”

“Prophet!” said I, “thing of evil!—prophet still, if bird or devil!  
By that Heaven that bends above us—by that God we both adore—  
Tell this soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn,  
It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore—  
Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Lenore.”  
Quoth the Raven “Nevermore.”

“Be that word our sign of parting, bird or fiend!” I shrieked, upstarting—  
“Get thee back into the tempest and the Night’s Plutonian shore!  
Leave no black plume as a token of that lie thy soul hath spoken!  
Leave my loneliness unbroken!—quit the bust above my door!  
Take thy beak from out my heart, and take thy form from off my door!”  
Quoth the Raven “Nevermore.”

And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting

On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;  
And his eyes have all the seeming of a demon's that is dreaming,  
And the lamp-light o'er him streaming throws his shadow on the floor;  
And my soul from out that shadow that lies floating on the floor  
    Shall be lifted—nevermore!

## O CORVO

Meia-noite, no meu quarto, refletia fraco e farto  
sobre muitos e curiosos esquecidos manuais.  
Cabeceando, adormecido, escuto um súbito ruído  
como algum gentil batido, um batido em meus umbrais.  
“É visita”, então murmuro, “vem bater aos meus umbrais:  
é só isso e nada mais”.

Ah, distintamente lembro, foi no gélido dezembro,  
cada flama falecendo criava sombras fantasmais.  
Sem a aurora, em amargura, em vão buscava na leitura  
um amparo para a dura, dura perda de Lenais —  
a radiante e rara moça que anjos chamam de Lenais —  
nome aqui já não tem mais.

E a sedosa purpurina incerta e triste da cortina  
sussurrava fantasias e terrores sem iguais;  
pra conter a nervosia do meu peito eu repetia:  
“É visita e vem tardia e pede entrada em meus umbrais —  
vagamente vem tardia e pede entrada em meus umbrais —  
é só isso e nada mais”.

Forte a alma num instante, e eu não mais tão hesitante,  
“Senhor”, disse, “ou madame, penso se me perdoais;  
estava quase adormecido e tão gentil foi o ruído,  
foi tão débil o batido que batia em meus umbrais,  
que tão mal eu pude ouvir-vos...” — nisso abri os meus umbrais —  
só o escuro e nada mais.

Fundo a treva eu espreitava — lá fiquei, desconfiava  
a sonhar em sonhos dúbios que um mortal sonhou jamais;  
ao silêncio persistente, no sossego de repente  
foi falado tão somente num sussurro assim: “Lenais?”  
Isso eu disse, e algum eco murmurou assim: “Lenais!” —  
Isso apenas, nada mais.

Vou de volta ao quarto quando, com a alma em mim queimando,  
novamente escuto toques ressoarem inda mais.  
“Certo”, eu disse, “essa mazela é qualquer coisa na janela;  
deixa eu ver o que tem nela, no mistério dos sinais —  
que meu coração se aquiete, que eu explore esses sinais —  
é só o vento e nada mais!”

Tendo aberto já a vidraça, turbulento me esvoaça,  
pisa um imponente corvo de eras santas e ancestrais;  
não prestou nem cumprimento nem parou nenhum momento:  
lorde ou *lady* em seu alento, foi pousar nos meus umbrais —  
pousa em Palas, no seu busto, justo sobre meus umbrais —  
pousa e senta e nada mais.

A ave de ébano deteve meu pesar num riso leve  
com o decoro grave e austero de seus ares tão formais.  
“Sem penacho volumoso, mesmo assim não és medroso,  
torvo, ancião e pavoroso corvo lá do escuro cais —  
diz qual é teu nobre nome às trevas do plutônio cais!”  
Disse o corvo: “Nunca mais”.

Admirei que a ave rara discursasse assim tão clara,  
salvo a pouca relevância das palavras, bem banais;

mas fiquemos certos disto: não há humano tão benquisto  
que algum dia tenha visto alguma ave em seus umbrais —  
ave ou besta no esculpido busto sobre seus umbrais —  
com tal nome, *Nuncamais*.

Mas o corvo, ali recluso, só falou no brando busto  
tais palavras, como a alma derramando em termos tais.  
Isso proferiu apenas, farfalhou nem uma pena —  
murmurei com dor amena: “Feito amigos tempo atrás...  
De manhã esvoaçará como a Esperança um tempo atrás”.  
E a ave disse: “Nunca mais”.

O sossego então quebrou-se na resposta que me trouxe:  
“Certo”, eu disse, “o que profere são só falas usuais  
que pegou de um triste dono com desastre em seu entorno,  
de abandono em abandono até um refrão marcado em *ais* —  
‘té as endechas da Esperança, melancólicas com *ais*  
de ‘nunca — nunca mais”.

A ave ainda assim deteve meu pesar num riso leve:  
ajusteí minha poltrona frente ao corvo, busto e umbrais.  
Mergulhando no veludo me envolvi num novo estudo,  
fantasiando, atando tudo à ave de eras ancestrais —  
por que a torva e ominosa e horrenda ave de ancestrais  
crocitava “nunca mais”.

Decifrava isso com pressa, sem nem sílaba expressa  
pra ave de olhos que queimavam minhas forças mais fulcrais;  
estive assim ensimesmado com o crânio reclinado  
no recosto aveludado sob a luz dos castiçais —  
violeta aveludado sob a luz dos castiçais,

leito *dela* ah, nunca mais!

O ar me pareceu mais denso, num perfume como incenso  
solto pelos serafins com suas passadas musicais.

“Infeliz,” gritei, “Deus deu-te — pelos anjos concedeu-te  
trégua — trégua e o nepente pras memórias de Lenais;  
bebe, bebe o bom nepente e esquece a perda de Lenais!”

Disse o corvo: “Nunca mais”.

“Ó profeta malfadado — és profeta, se ave ou diabo! —,  
pelo Tentador trazido ou pelos bruscos temporais;  
desolado mas ousado neste deserto encantado —  
lar de horrores, assombrado — imploro: franco, fala mais —  
há bálsamo em Gileade? — fala, imploro, fala mais!”

Disse o corvo: “Nunca mais”.

“Ó profeta malfadado — és profeta, se ave ou diabo! —,  
pelo Deus que nós louvamos — pelos arcos celestiais —  
assegura essa alma insossa caso lá no Éden possa  
abraçar a santa moça que anjos chamam de Lenais —  
a radiante e rara moça que anjos chamam de Lenais”.

Disse o corvo: “Nunca mais”.

“Tal resposta nos desuna, ave ou diabo!”, grito em suma —  
“Vai de volta à tempestade e às trevas do plutônio cais!  
Que nenhuma pluma ateste tais mentiras que disseste!  
Deixa a solidão inerte! — sai do busto nos umbrais!  
Tira garra da minha alma e tua figura dos umbrais!”

Disse o corvo: “Nunca mais”.

E esse corvo, nunca alado, está sentado, está sentado

sobre Palas, branco busto, justo sobre meus umbrais;  
com seus olhos figurando os de um demônio assim sonhando  
sob a luz que, tremulando, lança sombras sepulcrais;  
e minha alma dessas sombras que flutuam sepulcrais  
há de erguer-se — nunca mais!

## ULALUME – A BALLAD

The skies they were ashen and sober;  
The leaves they were crispéd and sere—  
The leaves they were withering and sere;  
It was night in the lonesome October  
Of my most immemorial year;  
It was hard by the dim lake of Auber,  
In the misty mid region of Weir—  
It was down by the dank tarn of Auber,  
In the ghoulish-woodland of Weir.

Here once, through an alley Titanic,  
Of cypress, I roamed with my Soul—  
Of cypress, with Psyche, my Soul.  
There were days when my heart was volcanic  
As the scoriac rivers that roll—  
As the lavas that restlessly roll  
Their sulphurous currents down Yaanek  
In the ultimate climes of the Pole—  
That groan as they roll down Mount Yaanek  
In the realms of the Boreal Pole.

Our talk had been serious and sober,  
But our thoughts they were palsied and sere—  
Our memories were treacherous and sere—  
For we knew not the month was October,  
And we marked not the night of the year—  
(Ah, night of all nights in the year!)



We noted not the dim lake of Auber—  
    (Though once we had journeyed down here)—  
We remembered not the dank tarn of Auber,  
    Nor the ghoul-haunted woodland of Weir.

And now, as the night was senescent  
    And star-dials pointed to morn—  
    As the star-dials hinted of morn—  
At the end of our path a liquescent  
    And nebulous lustre was born,  
Out of which a miraculous crescent  
    Arose with a duplicate horn—  
Astarte's bediamonded crescent  
    Distinct with its duplicate horn.

And I said—"She is warmer than Dian:  
    She rolls through an ether of sighs—  
    She revels in a region of sighs:  
She has seen that the tears are not dry on  
    These cheeks, where the worm never dies,  
And has come past the stars of the Lion  
    To point us the path to the skies—  
    To the Lethean peace of the skies—  
Come up, in despite of the Lion,  
    To shine on us with her bright eyes—  
Come up through the lair of the Lion,  
    With love in her luminous eyes."

But Psyche, uplifting her finger,  
    Said—"Sadly this star I mistrust—  
    Her pallor I strangely mistrust:—

Oh, hasten! oh, let us not linger!  
Oh, fly!—let us fly!—for we must.”  
In terror she spoke, letting sink her  
Wings till they trailed in the dust—  
In agony sobbed, letting sink her  
Plumes till they trailed in the dust—  
Till they sorrowfully trailed in the dust.

I replied—”This is nothing but dreaming:  
Let us on by this tremulous light!  
Let us bathe in this crystalline light!  
Its Sybilic splendor is beaming  
With Hope and in Beauty to-night:—  
See!—it flickers up the sky through the night!  
Ah, we safely may trust to its gleaming,  
And be sure it will lead us aright—  
We safely may trust to a gleaming  
That cannot but guide us aright,  
Since it flickers up to Heaven through the night.”

Thus I pacified Psyche and kissed her,  
And tempted her out of her gloom—  
And conquered her scruples and gloom:  
And we passed to the end of the vista,  
But were stopped by the door of a tomb—  
By the door of a legended tomb;  
And I said—”What is written, sweet sister,  
On the door of this legended tomb?”  
She replied—”Ulalume—Ulalume—  
‘Tis the vault of thy lost Ulalume!”

Then my heart it grew ashen and sober  
    As the leaves that were crispèd and sere—  
    As the leaves that were withering and sere,  
And I cried—”It was surely October  
    On this very night of last year  
    That I journeyed—I journeyed down here—  
    That I brought a dread burden down here—  
    On this night of all nights in the year,  
    Oh, what demon has tempted me here?  
Well I know, now, this dim lake of Auber—  
    This misty mid region of Weir—  
Well I know, now, this dank tarn of Auber—  
    In the ghoul-haunted woodland of Weir.”

Said we, then—the two, then—”Ah, can it  
    Have been that the woodlandish ghouls—  
    The pitiful, the merciful ghouls—  
To bar up our way and to ban it  
    From the secret that lies in these wolds—  
    From the thing that lies hidden in these wolds—  
Had drawn up the spectre of a planet  
    From the limbo of lunar souls—  
This sinfully scintillant planet  
From the Hell of the planetary souls?”

## ULALUME

O céu estava cinza e soturno,  
as folhas, crispando, a cair —  
as folhas, murchando, a cair;  
era noite em monótono outubro  
de algum ano que há muito esqueci;  
lá no Auber, no lago tão turvo,  
na região nebulosa de Weir —  
pelo Auber, tão úmido e turvo,  
entre o bosque assombrado de Weir.

E através de um caminho titânico,  
ciprestes vareei com minha Alma —  
ciprestes, com Psique, minha Alma.  
Nesses dias meu peito vulcânico  
feito os rios escoriais ia sem calma —  
feito a lava que rola sem calma  
seu enxofre corrente por Yâanek  
e no extremo do polo se espalma —  
lamenta ao rolar do Monte Yâanek  
nos domínios boreais e se espalma.

Falávamos sérios, soturnos,  
mas com a mente abatida, a cair —  
memória traiçoeira, a cair;  
não sabíamos que o mês era outubro,  
nem a noite do ano inferir —  
(ah, noite das noites por vir!)

Não vimos o Auber, tão turvo  
    (embora já tendo ido ali) —  
não lembrei do lago úmido e turvo  
    nem do bosque assombrado de Weir.

Na noite nem bem senescente  
    com astros da aurora no céu —  
    que apontavam a aurora no céu —  
no caminho, ao final, liquescente  
    nas nuvens um lustre nasceu,  
no que algum milagroso crescente  
    com dúplice chifre se ergueu —  
de Astarte o radiante crescente  
    distinto em dois chifres se ergueu.

Logo eu disse: “É mais quente que Diana,  
    e rola num éter de ais —  
    se enleva ao local desses ais:  
ela viu minhas lágrimas sãs na  
    visão de onde o verme não sai,  
e passou do Leão e se inflama  
    mostrando-me as vias celestiais —  
    paz do Lete por vias celestiais;  
além do Leão, e se inflama  
    pra nós com seus olhos astrais —  
do lar do Leão e se inflama  
    no amor de seus olhos astrais”.

Mas Psique, elevando seu dedo,  
    falou: “Dessa luz desconfio —  
    do estranho palor desconfio.

Ah, vem! Não fiquemos tão quedos!  
Ah, fuge! — fuja do ardil!”  
Falou em terror e pendendo  
asas ao pó que as cobriu —  
arfou tão aflita, pendendo  
plumas ao pó que as cobriu —  
tão sofrentes no pó que as cobriu.

Respondi: “Estás apenas sonhando,  
prossigamos na trêmula luz,  
nos banhemos na límpida luz!  
Esplendor sibilino brilhando,  
tão bela Esperança reluz —  
vê! No céu dessa noite reluz!  
Ah, seguros no lume confiando,  
com certeza ela bem nos conduz —  
seguros no lume confiando  
só pode ser, bem nos conduz,  
pois nos Céus pela noite reluz”.

Pacífico então Psique em carícias,  
e sua tristeza sucumbe —  
receio e tristeza sucumbem:  
e passamos além dessa vista  
mas paramos de frente a um tapume —  
uma tumba de inscrito tapume;  
e eu falei: “Doce irmã, está escrita  
que mensagem sobre esse tapume?”  
E ela disse: “Ulalume! Ulalume!  
É o sepulcro da tua Ulalume!”

Coração ficou cinza e soturno  
como as folhas crispando a cair —  
como as folhas murchando a cair,  
e eu gritei: “Foi por certo em outubro  
há um ano, esta a noite em que vim —  
que viajei — que viajei até aqui —  
carreguei fardo horrendo até aqui!  
Nesta noite das noites enfim  
que demônio atraiu-me até aqui?!”  
Reconheço já o Auber, tão turvo —  
região nebulosa de Weir —  
reconheço o lago úmido e turvo  
neste bosque assombrado de Weir”.

Dissemos nós dois então: “Pode  
ter sido que os ghuls desses ares —  
piedosos, os ghuls desses ares,  
pra ter-nos barrados bem longe  
do segredo que jaz nesses vales —  
do que jaz escondido nos vales —  
chamaram um espectro brilhante  
lá do limbo das almas lunares —  
planeta em pecados brilhante  
lá do Inferno de almas planetares?”

## ANNABEL LEE

It was many and many a year ago,  
In a kingdom by the sea,  
That a maiden there lived whom you may know  
By the name of Annabel Lee;  
And this maiden she lived with no other thought  
Than to love and be loved by me.

She was a child and I was a child,  
In this kingdom by the sea,  
But we loved with a love that was more than love—  
I and my Annabel Lee—  
With a love that the winged seraphs of Heaven  
Coveted her and me.

And this was the reason that, long ago,  
In this kingdom by the sea,  
A wind blew out of a cloud by night  
Chilling my Annabel Lee;  
So that her highborn kinsmen came  
And bore her away from me,  
To shut her up in a sepulchre  
In this kingdom by the sea.

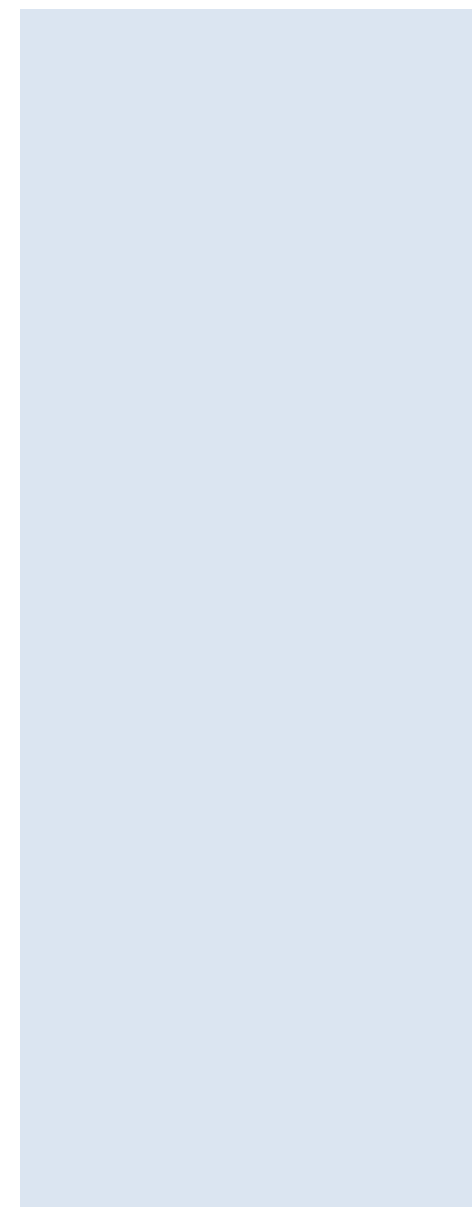
The angels, not half so happy in Heaven,  
Went envying her and me—  
Yes!—that was the reason (as all men know,  
In this kingdom by the sea)



That the wind came out of the cloud, chilling  
And killing my Annabel Lee.

But our love it was stronger by far than the love  
Of those who were older than we—  
Of many far wiser than we—  
And neither the angels in Heaven above  
Nor the demons down under the sea  
Can ever dissever my soul from the soul  
Of the beautiful Annabel Lee;

For the moon never beams, without bringing me dreams  
Of the beautiful Annabel Lee;  
And the stars never rise, but I feel the bright eyes  
Of the beautiful Annabel Lee;  
And so, all the night-tide, I lie down by the side  
Of my darling—my darling—my life and my bride,  
In her sepulchre there by the sea—  
In her tomb by the sounding sea.



## ANNABEL LEE

Foi há muitos e muitos anos lá,  
em um reino ao mar sem fim,  
que uma moça viveu, se ouve falar,  
pelo nome de Annabel Lee;  
e essa moça viveu pensando somente  
em amar amada por mim.

Eu era criança, ela era criança,  
nesse reino ao mar sem fim,  
mas amamos com amor que era mais que amor  
eu e minha Annabel Lee —  
um amor que deu aos serafins nos Céus  
ciúme dela e de mim.

Foi essa a razão pela qual, há anos,  
nesse reino ao mar sem fim,  
da nuvem vento noturno uivou  
gelando Annabel Lee!  
Logo os parentes nobres vieram  
levá-la longe de mim,  
fechá-la afinal em um sepulcro  
nesse reino ao mar sem fim.

Os anjos, não tão felizes nos Céus,  
com inveja dela e de mim —  
sim! Essa é a razão, como sabem todos  
nesse reino ao mar sem fim —

e da nuvem vento vem gelando e  
matando minha Annabel Lee.

Nosso amor era muito mais forte que o amor  
de amantes mais velhos que vi —  
de muitos mais sábios enfim —  
sequer algum anjo no Céu que é maior  
ou o mar e os demônios dali  
jamais vão soltar minha alma da alma  
da belíssima Annabel Lee.

Pois não brilha o luar sem que eu fique a sonhar  
com a belíssima Annabel Lee;  
e as estrelas surgidas são íris luzidas  
da belíssima Annabel Lee;  
pela noite corrida eu me deito à jazida  
da querida, querida, minha noiva, minha vida,  
ao sepulcro das ondas sem fim —  
tumba ao som desse mar sem fim.

## THE BELLS

Hear the sledges with the bells—  
    Silver bells!  
*What* a world of merriment their melody foretells!  
How they tinkle, tinkle, tinkle,  
    In the icy air of night!  
While the stars that oversprinkle  
All the heavens, seem to twinkle  
    With a crystalline delight;  
Keeping time, time, time,  
    In a sort of Runic rhyme,  
To the tintinabulation that so musically wells  
From the bells, bells, bells, bells,  
    Bells, bells, bells—  
    From the jingling and the tinkling of the bells.

### II

Hear the mellow wedding bells—  
    Golden bells!  
What a world of happiness their harmony foretells!  
Through the balmy air of night  
How they ring out their delight!—  
    From the molten-golden notes,  
    And all in tune,  
    What a liquid ditty floats  
To the turtle-dove that listens, while she gloats  
    On the moon!

Oh, from out the sounding cells,  
*What* a gush of euphony voluminously wells!  
How it swells!  
How it dwells  
On the Future!— how it tells  
Of the rapture that impels  
To the swinging and the ringing  
Of the bells, bells, bells!—  
Of the bells, bells, bells, bells,  
Bells, bells, bells—  
To the rhyming and the chiming of the bells!

### III

Hear the loud alarum bells—  
Brazen bells!  
*What* a tale of terror, now, their turbulency tells!  
In the startled ear of Night  
How they scream out their affright!  
Too much horrified to speak,  
They can only shriek, shriek,  
Out of tune,  
In a clamorous appealing to the mercy of the fire—  
In a mad expostulation with the deaf and frantic fire,  
Leaping higher, higher, higher,  
With a desperate desire,  
And a resolute endeavor  
Now—now to sit or never,  
By the side of the pale-faced moon.  
Oh, the bells, bells, bells!  
What a tale their terror tells

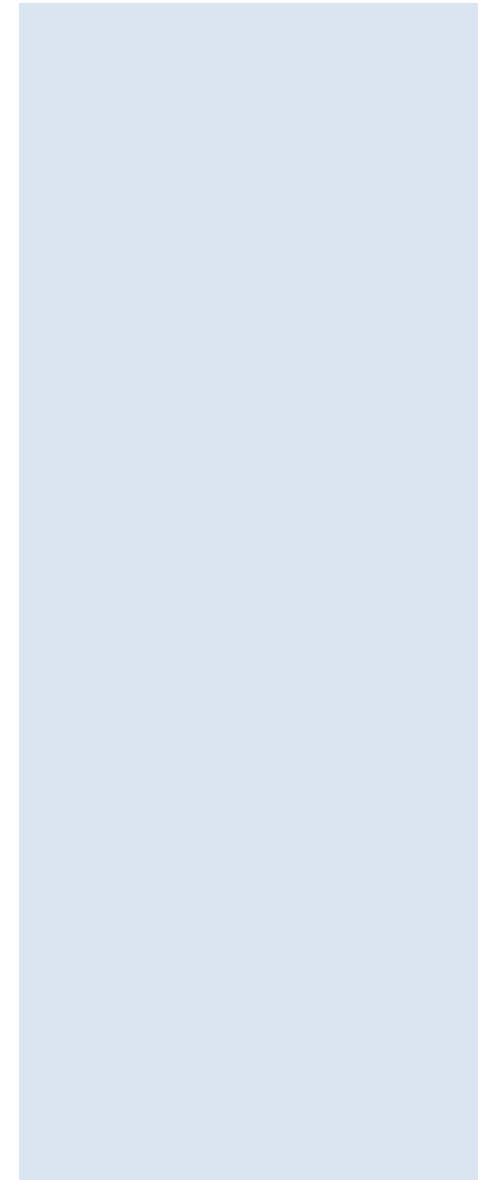
Of despair!  
How they clang, and clash, and roar!  
What a horror they outpour  
On the bosom of the palpitating air!  
Yet the ear, it fully knows,  
By the twanging,  
And the clanging,  
How the danger ebbs and flows;  
Yet, the ear distinctly tells,  
In the jangling,  
And the wrangling,  
How the danger sinks and swells,  
By the sinking or the swelling in the anger of the bells—  
Of the bells,—  
Of the bells, bells, bells, bells,  
Bells, bells, bells—  
In the clamor and the clangor of the bells!

#### IV

Hear the tolling of the bells—  
Iron bells!  
*What* a world of solemn thought their monody compels!  
In the silence of the night,  
How we shiver with affright  
At the melancholy menace of their tone!  
For every sound that floats  
From the rust within their throats  
Is a groan.  
And the people—ah, the people  
They that dwell up in the steeple,

All alone,  
And who tolling, tolling, tolling,  
In that muffled monotone,  
Feel a glory in so rolling  
On the human heart a stone—  
They are neither man nor woman—  
They are neither brute nor human—  
They are Ghouls:—  
And their king it is who tolls:—  
And he rolls, rolls, rolls, rolls  
A Pæan from the bells!  
And his merry bosom swells  
With the Pæan of the bells!  
And he dances and he yells;  
Keeping time, time, time,  
In a sort of Runic rhyme,  
To the Pæan of the bells—  
Of the bells:—  
Keeping time, time, time,  
In a sort of Runic rhyme,  
To the throbbing of the bells—  
Of the bells, bells, bells—  
To the sobbing of the bells:—  
Keeping time, time, time,  
As he knells, knells, knells,  
In a happy Runic rhyme,  
To the rolling of the bells—  
Of the bells, bells, bells:—  
To the tolling of the bells—  
Of the bells, bells, bells, bells,  
Bells, bells, bells—

To the moaning and the groaning of the bells.





## OS SINOS

Ouve os trenós com os sinos —  
argentinos!  
Sim, que mundo alegre a melodia vem presentindo!  
Como tinem, tinem, tinem  
pela noite de ar gelado!  
Com estrelas a espargir-se em  
todo o céu qual reluzissem  
com prazer cristalizado —  
tempo, tempo, tempo,  
rima Rúnica, mantendo  
na tintinabulação tão musical que vem surgindo  
dos sinos, sinos, sinos,  
sinos, sinos —  
do sonido e do tinido desses sinos.

### II

Ouve em núpcias suaves sinos —  
áureos sinos!  
Sim, feliz o mundo que a harmonia vem presentindo!  
Ao noturno ar perfumado  
seu prazer é anunciado!  
De ouro o som dissolve e pinga,  
seu tom flutua  
uno em líquida cantiga  
para a pomba que a escuta e letifica  
pela lua!

Ah, ressoa dos recintos,  
fluxo volumoso de eufonia refluindo!  
E expandindo!  
Residindo  
no Futuro! E proferindo  
todo o êxtase impelindo  
ao somido sacudido  
desses sinos, sinos —  
dos sinos, sinos, sinos,  
sinos, sinos —  
para a rima e a sinfonia desses sinos!

### III

Ouve em alto alarme os sinos —  
brônzeos sinos!  
Conto de terror sua turbulência proferindo!  
Ao ouvido apavorado  
para a Noite dão seu brado!  
Em tamanho horror aflitos  
falam só num grito, grito,  
destoantes,  
num clamor tão suplicante pela compaixão do fogo —  
numa louca exortação ao surdo e frenético fogo:  
salta alto e alteroso,  
desespero desejoso  
e vontade resoluta:  
já — já sentar ou nunca  
sobre a lua de claro semblante.  
Sim, os sinos, sinos!  
Seu terror vem proferindo

desespero!  
Golpe, estrépito — clangoram!  
E derramam seu horror ao  
seio etéreo palpitante por inteiro!  
E o ouvido sabe bem  
ao tremor  
e ao clangor  
que o perigo sobrevém;  
e o ouvido vai sentindo  
no rumor  
contendor  
o perigo submergindo  
pela fúria sobrevinda ou submersa desses sinos —  
desses sinos —  
dos sinos, sinos, sinos,  
sinos, sinos —  
no clamor e no clangor dos sinos, sinos!

#### IV

Ouve o badalar dos sinos —  
férreos sinos!  
Mundo de ar solene a monodia compelindo!  
Pela noite de ar calado  
nós trememos assombrados  
no sinal da melancólica entoação!  
O som que ali balança  
da ferrugem das gargantas  
geme em vão!  
E essa gente — ah, a gente! —,  
lá na torre residente em

solidão,  
badalando, badalando  
em monótona opressão,  
sente glória ao ir rolando  
pedra em nosso coração!  
Não são homens, nem mulheres,  
nem humanos, nem são feras —  
são os ghuls:  
e seu rei badala o fluxo,  
e rola e rola o curso  
do seu Peã de sinos!  
E seu ânimo expandindo  
no Peã que vem dos sinos!  
E ele dança então rugindo;  
tempo, tempo, tempo,  
rima Rúnica mantendo  
ao Peã que vem dos sinos —  
vem dos sinos —  
tempo, tempo, tempo,  
rima Rúnica mantendo  
ao pulsar que vem dos sinos —  
vem dos sinos, sinos —  
desse soluçar dos sinos —  
tempo, tempo, tempo,  
gemido e gemido,  
rima Rúnica aprazendo  
ao rolar que vem dos sinos —  
vem dos sinos, sinos —  
desse badalar dos sinos —  
dos sinos, sinos, sinos,  
sinos, sinos —

ao soluço e ao murmúrio desses sinos.

## ELDORADO

Gaily bedight,  
A gallant knight,  
In sunshine and in shadow,  
Had journeyed long,  
Singing a song,  
In search of Eldorado.

But he grew old—  
This knight so bold—  
And o'er his heart a shadow—  
Fell as he found  
No spot of ground  
That looked like Eldorado.

And, as his strength  
Failed him at length,  
He met a pilgrim shadow—  
'Shadow,' said he,  
'Where can it be—  
This land of Eldorado?'

'Over the Mountains  
Of the Moon,  
Down the Valley of the Shadow,  
Ride, boldly ride,'  
The shade replied,—  
'If you seek for Eldorado!'

## ELDORADO

Ornado tão faceiro,  
galante cavaleiro,  
à luz do sol e ao céu sombreado  
viajara muito então,  
cantando sua canção  
na busca pelo Eldorado.

Mas ele envelheceu,  
o bravo e seu broquel,  
e com o coração sombreado  
ficou por não achar  
nem rastro de um lugar  
que parecesse o Eldorado.

E quando seu vigor  
cedeu para o torpor  
viu um peregrino sombreado.  
“Sombra”, ele disse já,  
“onde afinal está  
essa região do Eldorado?”

“Nos altos das Montanhas  
da Lua e além,  
pelo longo Vale Sombreado.  
Cavalgue bravo, monte”,  
o vulto então responde,  
“se você persegue o Eldorado!”

## A DREAM WITHIN A DREAM

Take this kiss upon the brow!  
And, in parting from you now,  
Thus much let me avow—  
You are not wrong, who deem  
That my days have been a dream;  
Yet if Hope has flown away  
In a night, or in a day,  
In a vision, or in none,  
Is it therefore the less gone?  
All that we see or seem  
Is but a dream within a dream.

I stand amid the roar  
Of a surf-tormented shore,  
And I hold within my hand  
Grains of the golden sand—  
How few! yet how they creep  
Through my fingers to the deep,  
While I weep—while I weep!  
O God! Can I not grasp  
Them with a tighter clasp?  
O God! can I not save  
One from the pitiless wave?  
Is all that we see or seem  
But a dream within a dream?



## UM SONHO SOBRE UM SONHO

Toma sobre a testa um beijo.  
Vou partindo, já te deixo,  
confesso nesse ensejo:  
não erras, bem disponho  
de meus dias como um sonho.  
Se a Esperança foi-se embora  
numa noite ou pela aurora,  
em visões, ou em nenhuma,  
é perda menor que alguma?  
O que vejo ou suponho,  
tudo é só sonho sobre um sonho.

Perduro em meio ao brado  
de algum mar atormentado  
e seguro em minhas mãos  
dourada areia em grãos —  
tão pouca, e já rasteja  
dessas mãos às profundezas  
de tristeza em tristezas!  
Meu Deus, não vou retê-los  
se apertá-los com zelo?  
Meu Deus, não vou salvar  
um do impiedoso mar?  
Será o que vejo ou suponho  
só um sonho sobre um sonho?

## REFERÊNCIAS

POE, Edgar Allan. **The Poems of Edgar Allan Poe**. Disponível em: <<https://www.eapoe.org/works/poems/index.htm>>.